

## **FUNÇÕES DISCURSIVO-INTERACIONAIS DAS EXPRESSÕES “ASSIM”, “TIPO” E “TIPO ASSIM” EM NARRATIVAS ORAIS**

**Karine Lôbo Castelano<sup>1</sup>**  
**Wânia Terezinha Ladeira<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho teve por propósito investigar o uso das partículas expressivas “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais, mostrando as funções discursivo-interacionais que estas exercem em determinados contextos. Para atingir tal objetivo, utilizou-se o método da Análise da Conversa, cujo procedimento principal é a gravação em áudio e a transcrição de dados da interação. Os resultados indicaram que tais expressões exerceram diversas funções. A função mais utilizada, por sua vez, foi a dos marcadores conversacionais com três diferentes finalidades: marcar sequenciamento narrativo, inserir sequências explicativas e marcar hesitação. Por outro lado, as funções menos observadas foram as de enquadres e inserção de discurso relatado, realizadas por anguladores e por elementos coesivos. A partir dessa pesquisa, pôde-se concluir que a utilização das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” está associada à busca de um maior grau de compreensão entre os interlocutores de um discurso oral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise da Conversa; funções discursivo-interacionais; marcadores conversacionais.

**ABSTRACT:** *This work was proposed to investigate the use of particles expressive "so", "type" and "like so" in oral narratives, showing the discursive-interactive functions they perform in certain contexts. To achieve this goal, we used the Analysis of Conversation, the main procedure is the audio recording and transcription of data interaction. The results indicated that such expressions have had different functions. The most used function, in turn, was conversational markers with three different purposes: to mark narrative sequencing, insert sequences and explanatory mark hesitation. Moreover, the functions observed were less framing and insertion of reported speech, carried by hedges and cohesive elements. From this research, we concluded that the use of the terms "so", "type" and "like so" is associated with a search for greater understanding between speakers of a spoken word.*

**KEYWORDS:** *Analysis of Conversation; discursive-interactive functions; markers conversational.*

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

O pensamento contemporâneo sobre a linguagem inseriu-se apenas no século XIX, com a linguística comparativa. Neste período, foram fundamentais as teorias desenvolvidas pelo alemão Wilhelm von Humboldt, que foi o precursor do estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure. Ainda neste século, o movimento dos neogramáticos atribuiu à Linguística Histórica um estilo mais científico e preciso.

No século XX, os trabalhos de Noam Chomsky foram fundamentais para dar uma nova direção aos estudos linguísticos. A teoria chomskyana passou a considerar o conhecimento a respeito das línguas como um conjunto de regras gramaticais, que constituem a competência linguística dos falantes.

Mais recentemente, os estudos linguísticos se distanciaram da noção de competência linguística de Chomsky e incorporam a noção de competência comunicativa, de modo que a preocupação se concentra no uso e funcionamento da língua. Já que, é através da linguagem que os seres humanos interagem, criando estratégias de comunicação verbal e não-verbal cujo objetivo é se fazer entender.

Seguindo um viés descritivo baseado em Marcuschi (1986), Koch (2000), Fávero (2005), dentre outros autores, esta pesquisa busca trazer contribuições para a compreensão dos benefícios e restrições do uso das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” na oralidade; não importando o ponto de vista conservador de gramáticos tradicionais, mas o papel de tais palavras no processo de comunicação.

Este estudo justificou-se pelo uso cada vez mais comum das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” na oralidade da Língua Portuguesa, funcionando como prática social no cotidiano dos brasileiros. Estas expressões são faladas a todo tempo pelos falantes de forma natural e eficaz, podendo ser utilizadas para diversos fins, inclusive explicitar conceitos difíceis de serem expressos em poucas palavras.

Para tanto, foi utilizado o método da Análise da Conversa (AC), cujo procedimento principal é a gravação em áudio e a transcrição de dados da interação em análise. Neste trabalho, optou-se por fazer apenas a gravação de conversações espontâneas realizadas em ambiente informal e transmitidas face a face por estudantes da Universidade Federal de Viçosa (situada no município de Viçosa, em Minas Gerais).

Além dessa introdução, o trabalho possui mais quatro seções principais. Na seção seguinte, por meio de uma revisão teórica, será apresentada uma breve análise a respeito das teorias da AC e da Linguística Textual relacionadas ao assunto em questão, assim como a metodologia que foi empregada para alcançar os objetivos. Por fim, são apresentados os resultados e a discussão da análise dos dados bem como algumas considerações finais.

## **2. Revisão de bibliografia**

Através da comunicação, os seres humanos interagem socialmente por meio de uma língua, das mais variadas formas e com as mais variadas finalidades e resultados. Trata-se de uma troca de enunciados, que são inesperados, na maioria dos casos, pois mudarão de acordo com as atitudes, motivações e valores do interlocutor. Koch (2000) aponta para dois fatores que dão ao falante as condições indispensáveis para que o ouvinte alcance seu objetivo: capacidade de perceber qual é o objetivo ao qual foi submetido e concordar em demonstrar sua reação ao falante. Sendo assim, este precisa desempenhar exercícios linguístico-cognitivos para que seu ouvinte compreenda e seja estimulado na conversação. Segundo a autora, depende do ouvinte constituir relações dos diferentes tipos de contextos para que haja compreensão e interpretação adequada e satisfatória em relação à situação. A conversação cotidiana, por exemplo, tem como principal característica ter um número restrito de participantes, com papéis indefinidos e com os mesmos direitos e deveres de participação, tendo como objetivo específico o simples prazer de conversar.

Sob o ponto de vista da Linguística, da Sociologia e da Antropologia, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson iniciaram os seus estudos sistemáticos a respeito da conversa. A influência da Linguística ocorre porque a AC parte do pressuposto de que a língua é um sistema que fabrica significados bem estruturados durante a comunicação entre os indivíduos. Por sua vez, a influência da Sociologia ocorre pelo fato de a AC acreditar na interação como forma de ação social.

A AC preocupa-se com os eventos de fala na interação cotidiana e em produções institucionais, por meio do uso da linguagem a partir de palavras, frases, marcadores

conversacionais (MC's) - como “né” e “aí” - e recursos não-verbais, como as pausas, os risos e os gestos.

No que diz respeito aos MC's, estes se caracterizam como tal por introduzirem períodos ou parágrafos que se relacionam com outro que lhes precede normalmente, fornecendo pistas para os interlocutores no texto falado. Para a AC, as unidades sintáticas aplicadas tanto para a língua escrita quanto para a língua falada, não são as mesmas. Por isso, segundo Marcuschi (1986) é preciso obedecer a certos princípios comunicativos. Deste modo, são inúmeras as funções que lhes podem ser atribuídas como, por exemplo: ligações entre unidades comunicativas, orientadores discursivos, preenchimento de pausas, entre outras.

Segundo Marcuschi (1986), no que se refere às funções conversacionais, esses marcadores podem ser analisados sob os seguintes aspectos: i) *sinais produzidos pelo falante*, que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, explicitar intenções, indicar o início e o final de uma asserção, dúvida ou indagação, etc; e ii) *sinais produzidos pelo ouvinte*, que servem para orientar e monitorar o falante. Estes sinais marcam a posição pessoal do ouvinte, encorajando-o, desencorajando-o, ou solicitando alguma informação a mais.

A partir desses aspectos, percebe-se que os MC's servem como elementos verbais, prosódicos (ou supra-segmentais) - como entonação, pausas, alongamentos de vogais - e não-linguísticos (ou paralinguístico) - como o riso e a gesticulação -, exercendo inúmeras funções na oralidade, principalmente na interação face a face.

De acordo com Marcuschi (1986) e Fávero (2005) acreditam que os marcadores são “específicos” e, além de terem função conversacional, apresentam também função sintática. São, pois, elementos que mantêm a relação entre ideias expressas nos períodos e enquadres distintos, garantindo a coesão entre eles. Fávero (2005) acrescenta ainda que

Considerando as funções e argumentativas dos marcadores conversacionais, verificamos que esses elementos desempenham papel de especificadores, coordenadores, subordinadores, entre outros. Por meio desses marcadores, podem-se explicar os deslocamentos referenciais

locais ou globais com a função de conduzir e orientar as atividades do locutor e do seu interlocutor (FÁVERO, 2005, p. 47).

Com isso, a autora afirma que os MC's sustentam o tópico e fazem com que os interlocutores ajudem uns aos outros, tornando a interação mais envolvente e dando continuidade ao assunto. Confirmando tais evidências, Marcuschi (1986) argumenta que:

*Os recursos verbais* que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação (MARCUSCHI, 1986, p. 62).

Além dos estudos das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” baseados na AC, serão apresentados outros dois tipos de abordagens a respeito dessas partículas expressivas estudadas por diferentes tradições da Análise do Discurso, como será explicado nas próximas subseções.

## 2.1. Anguladores

Os estudos sobre anguladores (ou *hedges*) foram investigados inicialmente por Lakoff (1972)<sup>3</sup>. O interesse do linguista não era a respeito do valor comunicativo do emprego de anguladores, mas sim das propriedades lógicas de palavras e sintagmas que, segundo o autor, possuíam significados imprecisos.

Almeida (1999) caracteriza os anguladores como construções gramaticais que formam uma categoria funcional híbrida, realizada por elementos originários de diversas classes lexicais, tais como: adjetivos, advérbios, locuções prepositivas e adverbiais.

---

<sup>3</sup> LAKOFF, G. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts, **Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, 1972, p. 183-228.

Ao investigar o funcionamento dos anguladores, Almeida (1999, p. 135) relata que um ponto em comum a todos eles é o fato de “serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo”. No português brasileiro, são exemplos de anguladores: “uma forma de”, “um tipo de”, “praticamente”, “de um modo geral”, “estritamente falando”, “de certa maneira”, “em certos aspectos”, etc. Alguns outros exemplos de modalizadores poderão ser observados na análise de dados.

Quanto à motivação para empregar anguladores, as pesquisas têm se embasado na oralidade, sendo a função de atender a regras sociais de polidez a principal explicação para o uso de anguladores no discurso. Tendo isso em vista, o emprego desses anguladores é de grande importância na interação face a face, pois pode ser motivado, por exemplo, pelo receio de que, após sua enunciação, o interlocutor perceba que sua fala foi equivocada. Deste modo, se ele não tem certeza sobre o conteúdo da sentença, pode preferir deixar um grau de imprecisão ou apenas suavizar seu comprometimento em relação à veracidade do que foi dito, assim, seu equívoco seria esclarecido facilmente.

## **2.2. Modalizadores**

A perspectiva da Linguística Funcional leva em consideração toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo. Para haver o ato comunicativo é preciso que ocorra uma troca entre os falantes dentre outros fatores importantes para a interação como, por exemplo, a força da situação de comunicação e as imagens que o falante desenvolve do ouvinte.

O estudo funcionalista de uma língua tem dois objetivos: i) o interesse de verificar como se alcança a comunicação; e ii) como os interlocutores utilizam a língua para que esta seja eficiente. O importante, portanto, é a chamada competência comunicativa.

Em relação aos modalizadores nos enunciados, Neves (2006) afirma que não se pode imaginar que um falante possa deixar de marcar seu enunciado com a sua própria opinião em relação ao conteúdo falado. Para a autora, os modalizadores revelam uma possível intenção do falante ao ouvinte.

No entanto, é importante que se leve em consideração o contexto para que se faça uma análise linguística das modalizações. O uso dos modalizadores num enunciado sugere uma escolha linguística por parte do sujeito, não de forma aleatória, mas como um recurso argumentativo, cuja finalidade é propriamente discursiva.

Segundo Neves (1996)<sup>4</sup> *apud* Neves (2006), há uma série de maneiras pelas quais a modalidade pode ser expressa: i) por um advérbio; ii) por um adjetivo de carácter predicativo; iii) por um substantivo; iv) pelas próprias classes gramaticais do verbo da predicação; e v) por um verbo modal ou de significação plena.

Com relação a esta categorização, foi mais significativa para esta pesquisa a observação da primeira categoria. O advérbio é marcado por um número vasto de elementos e se adapta às intenções comunicativas do discurso, por isso, é importante observar que a modalidade se constitui como um recurso de expressão de valores, atitudes e emoções do locutor.

### 3. Metodologia

A presente pesquisa procurou realizar a análise do uso das partículas “assim”, “tipo” e “tipo assim” dentro de um contexto de quatro narrativas orais, caracterizando-se, portanto, como um *corpus* qualitativo. Foi utilizada a gravação de conversações espontâneas realizadas em ambiente informal e transmitidas face a face por estudantes universitários. A partir das gravações em áudio, foram feitas as transcrições dos textos orais com base na tabela de transcrições de Sacks *et al.* (1974).

Foram utilizadas transcrições de quatro narrativas de estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV) com idade entre 19 e 27 anos. Devido à grande ocorrência das expressões estudadas na conversação informal, optou-se por instigar os participantes a relatarem um fato aleatório de seu cotidiano.

De acordo com Fávero (2005), um evento comunicativo constitui-se de certos aspectos significativos. Nesta perspectiva e tendo em vista que a seleção dos elementos interfere nas

---

<sup>4</sup> NEVES, M. H. de M. (1996a). **Estudo da estrutura argumental dos Nomes**. In: M. Kato (Org. 1996. p. 119-154).

condições de produção da enunciação e determina a exclusividade do evento discursivo, os participantes das narrativas contidas nesta pesquisa foram escolhidos de acordo com os seguintes aspectos:

- situação discursiva: informal;
- evento de fala: casual;
- tópico evento: casual (escolhido pelos narradores);
- objetivo do evento: nenhum;
- grau de preparo necessário para efetivação do evento: nenhum;
- participantes: estudantes de graduação e pós-graduação;
- relação entre os participantes: amigos ou parentes; e
- canal utilizado para a realização do evento: face a face.

A análise das narrativas produzidas pelos estudantes permitiu encontrar acontecimentos sociais altamente organizados. A primeira transcrição feita foi nomeada como “caso dos irmãos”, já que consiste no relato de uma discussão ocorrida entre dois irmãos durante uma noite. A segunda transcrição foi sobre o “caso do acidente”, onde o narrador relatou todo o sofrimento da família que se acidentou e seu trágico desfecho. No “caso da tatuagem”, o narrador contou o que aconteceu quando seus familiares ficaram sabendo a respeito dele ter feito uma tatuagem sem falar com ninguém. A quarta e última transcrição, o “caso da queda”, narra um acontecimento pelo qual o participante passou no ensaio de sua banda, quando este caiu da cadeira na frente de uma garota.

#### **4. Resultados e discussão**

Pôde-se perceber, através da análise, que as expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” atuam diretamente no que diz respeito à organização da fala. Desta maneira, as propostas de Marcuschi (1986), Almeida (1999) e Neves (2006) foram adotadas como base para identificar as funções desempenhadas pelas partículas em estudo (Tabela 1) dentro do *corpus*. As cinco funções comunicativas identificadas nas narrativas orais analisadas foram realizadas por três categorias de elementos caracterizados pela Pragmática, pela Linguística Textual e pela Análise

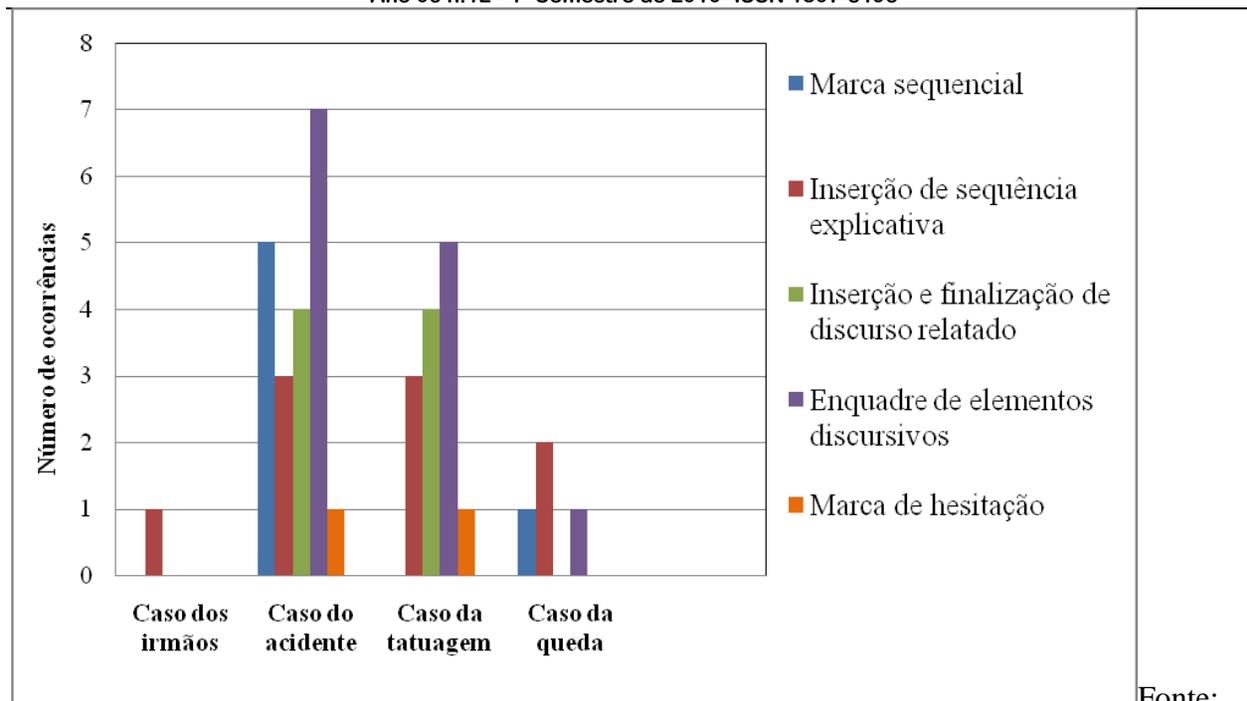
da Conversa, a saber: marcadores conversacionais, anguladores e elementos coesivos. Esses três elementos são diferentes, mas conservam entre si fronteiras tênues e interseções muitas vezes difíceis de ser delimitadas com precisão.

Tabela 1 – Ocorrências e Funções das expressões

Função comunicativa	Ocorrências			
	Caso dos irmãos	Caso do acidente	Caso da tatuagem	Caso da queda
Marca sequencial		X		X
Inserção de sequência explicativa	X	X	X	X
Inserção e finalização de discurso relatado		X	X	
Enquadre de elementos discursivos		X	X	X
Marca de hesitação		X	X	

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme os dados da Tabela 1, pôde-se observar que as expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim”, na maioria dos casos, exerceram todas as funções categorizadas. Porém, no “Caso dos irmãos”, houve apenas a ocorrência da expressão como marcador com a função de inserir sequência explicativa.



dados da pesquisa.

Figura 1 – Número de ocorrências das expressões.

De acordo com os dados da Figura 1, a função mais utilizada das partículas em estudo, considerando todos os casos analisados, foi a de enquadre de elementos discursivos (angulador). No “Caso do acidente”, por exemplo, essa função foi empregada 7 (sete) vezes. Por outro lado, a função menos observada foi a de marca de hesitação, totalizando apenas 2 (duas) ocorrências. Além disso, notou-se a ocorrência do marcador que insere sequência explicativa em todas as narrativas.

Marcuschi (1986), em seus estudos sobre os MC’s, propõe a categorização destes em dois grupos: sinais produzidos pelos falantes, e sinais produzidos pelo ouvinte, como já apresentado na revisão teórica. Entretanto, nesta pesquisa, as expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” foram encontradas apenas no primeiro grupo.

Nas subseções seguintes, as ocorrências serão explicadas individualmente, com, no mínimo, um exemplo de cada. O critério escolhido para a categorização das expressões foi a

observação das funções pragmáticas ou comunicativas no contexto das sequências discursivas e o comportamento sintático das mesmas.

#### 4.1. Marca sequencial

Os marcadores sequenciais têm a função de fazer com que a interação prospere sem que haja necessidade de retomada de itens, sentenças ou estruturas. No segmento abaixo há exemplos de duas das expressões estudadas desempenhando tal função pragmática:

Caso do acidente:

*a gente estava.. indo pra lá **assim**... aí.. meu pai, recebeu um telefonema no carnaval **assim**.. aí.. o: cara falando com ele = é porque assim.. meu pai conhece.. é: um monte de gente lá em-em Matipó.. e a maioria das pessoas lá que ele conhece é por causa.. /a: por causa das vacas lá/... aí.. é:: ligou um cara lá que era dono de uma casa de ração.. [...] ele sofreu o acidente perto do sítio lá onde a gente mora.. aí >**tipo assim**<.. aí ele ligou pro meu pai.. achando que meu pai ia estar lá perto, né?..*

Nesse trecho, o narrador utilizou 2 (duas) vezes a partícula “assim” antes do marcador “aí”, concorrendo com o mesmo. As duas expressões não possuem função sintática na estrutura oracional e foram utilizadas a fim de preencher uma pausa. Possuem, portanto, os traços definidores de marcadores conversacionais propostos por Risso *et al.* (2006).

A primeira ocorrência aconteceu quando o narrador disse que estava indo pra algum lugar e, em seguida, utilizando o MC, completou a frase dizendo que também havia recebido um telefonema. Já a segunda, ocorreu após o narrador dizer que um homem ligou para seu pai no carnaval. Ainda nesse segmento, o narrador utilizou o marcador “tipo assim”, concorrendo e completando o marcador sequencial “aí”, pois colabora para que o narrador tenha mais tempo para planejar o seu discurso.

Outra questão observada foi que as informações que vieram depois deste elemento coesivo sequenciador retomaram o que foi dito antes, ou seja, o episódio do telefonema. Segundo

Risso (2006, p. 427), esses elementos fazem parte, portanto, do “conjunto de palavras ou locuções envolvidos no amarramento textual das porções de informações progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo”. Observou-se, então, o uso desse marcador como importante recurso linguístico para a organização da sequência narrativa.

#### 4.2. Inserção de sequência explicativa

No segmento a seguir, o narrador utilizou o marcador “tipo assim” para articular uma explicação a respeito do que foi discorrido anteriormente:

Caso dos irmãos:

*fui lá.. pra lavar vasilha... /rapidinho/ fui.. fui lá lavar vasilha.. aí de repente chega uma pessoa gritando...*

*“(eu tenho hora pra acordar).. vê se isso é hora de lavar vasilha!”*

*aí.. **tipo assim**.. se eu estivesse ficado.. sem lavar nada.. teria sido melhor, né?.. se eu tivesse ficado na minha lá.. porque a gente vai lavar leva xingo.. se eu não tivesse lavado não tinha levado xingo..*

O narrador concluiu que teria sido melhor não ter feito nada, explicando que, se ele não tivesse lavado as vasilhas, não teriam brigado com ele.

Pode-se notar que se trata de um MC, já que apresenta alguns dos mais importantes traços de marcadores definidores identificados por Risso *et al.* (2006), tais como: independência sintática em relação à estrutura oracional, pauta prosódica demarcativa e articulação dos segmentos do discurso. A diferença entre o marcador anterior (marca sequencial) e este é a respeito do tipo de informação que é articulada após o marcador. Na função comunicativa anterior, o MC encadeia sequências narrativas, já neste, ele articula uma explicação de um evento anterior.

Outra ocorrência observada foi a expressão “tipo assim” dentro de uma sequência explicativa:

Caso da tatuagem:

*não é porque.. primeiro é porque eu ainda não tinha encontrado com ele.. e:: e também.. >tipo assim<.. eu ia falar depois mas.. eu tinha falado com a mãe primeiro e a mãe deve ter acabado falando com ele...*

No trecho acima, o narrador deu sua explicação a respeito do fato de não ter contado sobre a tatuagem para seu pai e, antes de continuar, usou o marcador “tipo assim” a fim de proporcionar uma pausa para organização da fala. Desta forma, o narrador teve tempo para pensar em outras palavras para dizer a mesma coisa e, com isso, explicou melhor a pergunta da ouvinte.

Foi possível observar as pistas do contexto sequencial que contribuem para essa interpretação: a expressão “tipo assim” aparece logo após uma pergunta que exige como resposta uma explicação. Além disso, ela acompanha duas conjunções do tipo “porque”, identificadas pelos estudos gramaticais tradicionais como explicativas, e concorre com esses conectivos na função de articular um esclarecimento.

#### **4.3. Inserção e finalização de discurso relatado**

No segmento abaixo, há um exemplo da expressão “assim” que tem a função de introduzir um novo turno de relato de discurso:

Caso do acidente:

*nossa.. foi péssimo minha mãe contando hoje.. aí.. já tinha morrido um.. aí morreu essa no dia que meu pai chegou lá.. aí meu pai >falou **assim**<  
 “oh:: vamos fazer então.. o que puder pela outra que sobreviveu..”*

Logo depois de usar a partícula “assim”, o narrador inseriu um discurso relatado. Trata-se de um elemento coesivo catafórico, uma vez que este se refere ao que é falado posteriormente.

No próximo segmento notou-se a mesma partícula e função pragmática, porém, a expressão foi utilizada para finalizar um discurso relatado.

Caso do acidente:

*ai hoje eu fui perguntar notícia a minha mãe*

*“oh: Patrícia, já vou avisar de uma vez.. morreu todo mundo.. só sobrou o homem”..*

*minha mãe falou **assim**, porque quando ela fala assim eu-eu seguro mais.*

Esta expressão funcionou como um elemento coesivo anafórico, já que foi utilizado para fazer referência ao que a mãe do narrador disse anteriormente. Essa função comunicativa do item lexical “assim” não é realizada por um MC e sim por um elemento coesivo que não se encontra dentro da categoria de marcador. Pôde-se observar que o “assim” é um advérbio e não apresenta os principais traços definidores apontados por Risso *et al.* (2006), tais como: exterioridade em relação ao conteúdo proposicional, independência sintática e articulação de tópicos do discurso.

#### 4.4. Enquadre de elementos discursivos

Almeida (1999, p.135) propõe que “os anguladores sejam tratados como sub-categoria da Modalidade, que passa também a ser entendida como categoria radial”, de modo que a função pragmática desses elementos seria de enquadre ou reconceptualização. Tendo isso em vista, a partícula “assim” foi caracterizada como angulador, já que foi modificador de força ilocucionária no segmento abaixo:

Caso do acidente:

*ai ele sofreu o acidente estava ele, a esposa.. e >acho que< e os filhos du-duas filhas e um filho /um trem **assim**.. não sei quantos.. meninos e quantas meninas não/..*

A expressão “um trem assim” indicou imprecisão da informação dada, reduzindo sua força ilocucionária de asserção verdadeira. O narrador não tinha certeza a respeito da quantidade

de filhos do casal e, por esse motivo, utilizou a partícula “assim”, que enquadra a informação anterior como incerta. A expressão modalizadora “eu acho” pode servir como pista para indicar esse enquadre.

No segmento seguinte, observou-se a expressão “tipo” exercendo a mesma função de angulador:

Caso da queda:

*a.. tipo assim.. eu caí.. aí.. olhei pra ela, ela estava atrás de mim.. mas só que.. não tive cer-.. e:u não tive certeza.. se ela:.. me viu caindo.. sabe?((risos)).. alguma coisa do **tipo**.. (risos)*

Através deste trecho, pôde-se perceber que o narrador utilizou a expressão “do tipo” para indicar um enquadre de imprecisão em relação à informação anterior.

#### 4.5. Marca de hesitação

No que se refere ao marcador com função de preencher uma dúvida, foi encontrado o seguinte exemplo:

Caso do acidente:

*aí uma de-delas morreu.. aí a gente foi começou a olhar os papéis, pra poder.. a:: pra-pra **tipo**.. despachar o corpo, né? liberar o corpo.. aí.. é::*

Fávero (2005) caracteriza este marcador como prosódico. Ao usar a expressão “tipo” para proporcionar uma pausa na conversação e preencher uma hesitação, o narrador teve tempo para organizar o pensamento no momento da fala e escolher a palavra mais adequada, no caso, “despachar” ou “liberar”. Algumas pistas no texto nos fizeram classificar a partícula “tipo” como expressão usada para marcar hesitação: o alongamento da vogal “a::”, a repetição do item funcional “pra-pra” e a pausa (MARCUSCHI, 2006). Essa hesitação caracteriza uma fonte de problema que resulta no auto-reparo e na substituição do verbo “despachar” por “liberar”.

## 5. Considerações finais

O presente trabalho buscou investigar o uso dessas partículas expressivas em narrativas orais, mostrando as suas diversas funções discursivo-interacionais na sequencialidade da conversa. A partir dos dados do *corpus* analisado, observou-se que as partículas “assim”, “tipo” e “tipo assim” assumiram as seguintes funções comunicativas: i) marca sequencial; ii) inserção e finalização de discurso relatado; iii) enquadre de elementos discursivos; iv) marca de hesitação; e v) marca que insere sequência explicativa.

Sendo assim, os resultados indicaram que as expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim”, na maioria dos casos, exerceram todas as funções categorizadas. Porém, no “Caso dos irmãos”, houve apenas a ocorrência da expressão como marcador com a função de inserir sequência explicativa.

A função mais utilizada das partículas em estudo, considerando todos os casos analisados, foi a de enquadre de elementos discursivos (angulador). No “Caso do acidente”, por exemplo, essa função foi empregada 7 (sete) vezes. Por outro lado, a função menos observada foi a de marca de hesitação.

A partir da pesquisa, pôde-se concluir que a utilização das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” está associada à busca de um maior grau de compreensão entre os interlocutores de um discurso.

O estudo dessas expressões é um campo em expansão, pois, ao longo dos anos, elas podem perder ou ganhar importância na oralidade. Portanto, pesquisas que vislumbrem a análise dessas partículas, podem contribuir para o avanço das questões relacionadas à descrição da língua em situações de uso efetivo. Mais especificamente, pode-se pesquisar, por exemplo, o uso dos marcadores “assim”, “tipo” e “tipo assim” num contexto social, diferenciando seu uso entre faixas etárias, regiões do País e até mesmo entre níveis educacionais.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. L. L. de. Processo de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil.

**Veredas:** revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v.3, n.1, p.129-142, 1999.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. e AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 126p.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2000. 115p.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 1986. 94p.

MARCUSCHI, L. A. Hesitação. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. **Gramática do Português Falado.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. p. 48-71.

NEVES, M. H. de M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006. p.151-221.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S. & KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p.427-496.

RISSO, M.S.; SILVA, G.M.O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.C.A & KOCH, I.G.V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil.** Campinas: ed. da UNICAMP, 2006. p.403-427.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, n.50, p.696-735, 1974.